

Movimentos Feministas e o Conto de Anne Enright
Feminist Movements and Anne Enright's Short Stories

Caroline Moreira Eufrausino¹

Universidade de São Paulo

Resumo: O Levante de Páscoa ocorrido na Irlanda em 1916 teve grande impacto histórico, pois se firmou como uma das principais bases para a independência do país que veio a acontecer em 1922. A literatura, que poderia ser considerada como uma das mais vibrantes formas de expressão artística da Irlanda, amplamente discutiu, representou e revisitou tal fato histórico. Dada a relevância da face literária da cultura irlandesa, era de se esperar que outros fatos históricos também se manifestassem artisticamente como foi o caso dos movimentos feministas ocorridos a partir dos anos 70 na já República da Irlanda. O presente trabalho almeja, então, propor uma análise da antologia de contos *The Portable Virgin* (1991) da escritora irlandesa Anne Enright atentando para a representação desses movimentos históricos em sua obra literária. Em seus contos, Enright questiona o papel da mulher da sociedade irlandesa do fim do século XX e reivindica direitos sociais e civis. Dessa forma, pretende-se mostrar que a literatura exerce papel fundamental em tal sociedade não só por representar questionamentos históricos, mas também por se apresentar como agente daquele movimento se configurando como ato político.

Palavras-chave: Anne Enright; Conto; Movimentos Feministas.

Abstract: The Easter Rising which took place in Ireland in 1916 had a great historical impact as it was one of the main pillars for the country's independence occurred in 1922. The literature, which could be considered as one of the most vibrant forms of artistic expression in Ireland, widely discussed, represented and revisited this historical fact. Given the importance of the literary face of Irish culture, it was expected that other historical facts also were manifested artistically as in the case of the Feminist Movements that were hold from the 70s on in the Republic of Ireland. Therefore, this study aims to propose an analysis of the anthology of short stories *The Portable Virgin* (1991) by the contemporary Irish writer Anne Enright paying close attention to the representation of these historical movements in her literary work. In her short stories, Enright questions the role of women in Irish society of the late twentieth century and claims social and civil rights. Thus, we intend to show that literature plays an essential role in such a society not only to represent historical questions, but also to present itself as an agent of that movement shaping up as a political act.

Key-words: Anne Enright; Short Story; Feminist Movements.

Submetido em 30 de maio de 2016.

Aprovado em 09 de agosto de 2016.

¹Doutoranda em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela USP. Bolsista CNPq. E-mail: carol.eufrausino@gmail.com.

O Levante de Páscoa ocorrido na Irlanda em 1916 teve grande impacto histórico pois se firmou como uma das principais bases para a independência do país que veio a acontecer em 1922. A literatura, que poderia ser considerada como uma das mais vibrantes formas de expressão artística da Irlanda, amplamente discutiu, representou e revisitou tal fato histórico. Mais do que ser representado literariamente, entre os líderes do Levante estavam os jovens Thomas MacDonagh, Joseph Plunkett e Peadráig Pearse, todos eles poetas. Segundo Claudio Crow, estudioso de cultura celta, em seu artigo “O Nascimento da Irlanda Moderna”:

parece adequado que, numa terra em que a poesia é sagrada desde os tempos dos bardos celtas, uma das mais dramáticas páginas de sua história fosse escrita e protagonizada por três poetas, imbuídos em um senso de dramaticidade e simbolismo próprio de quem faz da inspiração seu ofício (CROW, 2016)

No que diz respeito à igualdade de gêneros, acredita-se também que mais de cem mulheres participaram de forma direta lutando lado a lado com os homens durante o Levante de Páscoa e a própria proclamação da independência era de caráter progressista para o ano de 1916 ao que diz respeito aos direitos das mulheres.

A questão da igualdade de gêneros presente na agenda do Levante de Páscoa é, sem dúvida, extremamente relevante. Porém, o enfoque desse trabalho é mostrar a literatura não somente em seu campo representativo, mas como agente de mudança política. Ou seja, o Levante não foi somente representado em obras literárias; os próprios líderes do movimento tinham a literatura como ofício e a usaram sempre como forma de resistência e mudança política.

Dada à relevância da face literária da cultura irlandesa, era de se esperar que outros fatos históricos não só fossem representados em narrativas posteriores ao longo da história da Irlanda, como também se manifestassem artisticamente de forma sincrônica a tais eventos e se projetassem como um dos pilares de tais mudanças políticas. Assim sendo, este trabalho almeja analisar um dos contos presentes na antologia *The Portable Virgin* (1991) da escritora irlandesa Anne Enright não como uma reação aos movimentos feministas ocorridos a partir dos anos 70 na já República da Irlanda, mas sim como um importante instrumento de mudança e contestação política via o texto literário.

Para entender como se deram os Movimentos Feministas na Irlanda na segunda metade do século XX, se faz necessário retornar para o momento pós-independência:

Éamon de Valera (que foi um dos líderes do Levante) foi preso, mas não foi condenado à execução - os jovens poetas Thomas MacDonagh, Joseph Plunkett e Peadráig Pearse mencionados no início foram executados juntamente com outros líderes do Levante. Após a sua libertação, seguiu na luta por uma Irlanda independente até quando a mesma foi alcançada em 1922. Foi, posteriormente, presidente da República da Irlanda. Em seu governo foram adotadas políticas sociais conservadoras, uma vez que ele acreditava que a igreja católica e a família eram centrais para a formação e solidificação da identidade irlandesa. Ele acrescentou cláusulas para a nova Constituição da Irlanda de 1937 que vislumbravam um cuidado especial à instituição do casamento, a proibição ao divórcio e um reconhecimento da posição notável da Igreja Católica. Suas políticas foram muito bem recebidas por um eleitorado devoto, conservador e rural e o caráter progressista almejado pelos ideais dos líderes do Levante de Páscoa foi amplamente rejeitado.

No que diz respeito à posição das mulheres nesse cenário pós-independência, a Constituição irlandesa afirma que, “em particular, o Estado reconhece que por sua vida dentro do lar, a mulher nos dá um apoio sem o qual o bem comum não pode ser alcançado”, acrescentando no artigo 41.2.2 que “o Estado deve, portanto, esforçar-se para assegurar que as mães não sejam obrigadas, por necessidades econômicas, a trabalhar, negligenciando seus deveres em casa” (Constituição da Irlanda, 1937, tradução nossa). Há de se notar que embora a situação da mulher irlandesa contemporânea seja diferente, tal artigo que condiciona a mulher à esfera privada da sociedade ainda está presente na Constituição irlandesa atual.

Dessa forma, a posição da mulher ao longo do século XX foi bastante conservadora por parte do Estado na República da Irlanda e seu papel na sociedade foi reduzido à maternidade. A partir dos anos 60 e 70, porém, movimentos feministas eclodiram ao redor do mundo e na Irlanda tais movimentos foram especialmente promovidos através da literatura. Tal período ficou conhecido como Segunda Onda Feminista. Segundo Sarah O’Connor em *No Man’s Land*,

As feministas trouxeram a atenção para a esfera privada a fim de desafiar os efeitos da proibição do corpo e da sexualidade. Na situação irlandesa, a Igreja e o Estado contribuíram para a construção de uma feminilidade casta, boa e acima de tudo, para uso doméstico. (O’CONNOR, 2011, p.11, tradução nossa)

Dessa forma, devido a imposições do Estado e da Igreja Católica, a condição da mulher irlandesa foi reduzida à maternidade e sua participação política também foi reprimida. Os movimentos feministas propostos principalmente a partir dos anos 60 visavam desafiar tais imposições.

Alguns fatos relevantes podem ser citados a respeito da história dos movimentos feministas na Irlanda: Em 1971, o Irish Women's Liberation Movement produziu um manifesto que pedia igualdade perante a lei, salário, educação, métodos contraceptivos e justiça. Em 22 de maio do mesmo ano, um grupo de mulheres pegou um trem rumo à Belfast (localizada na Irlanda do Norte e pertencente ao Reino Unido) a fim de comprar métodos contraceptivos que até então eram considerados ilegais na República da Irlanda. Esse protesto que ficou conhecido como "Contraceptive Train" foi mais uma tentativa de chamar atenção para as desigualdades de gênero existentes em diversas esferas da sociedade irlandesa. Em 1979 o uso de métodos contraceptivos foi legalizado, porém somente para pessoas que eram casadas e com prescrição médica. Dessa forma, sua utilização foi extremamente restrita e pouquíssimas mulheres tinham acesso a tais métodos de forma legal. A venda legal de contraceptivos só foi possível através da Lei de Saúde e Planejamento Familiar de 1992 e, a partir de então, pessoas acima de 18 anos poderiam fazer uso de métodos contraceptivos sem prescrição médica. No Brasil, para se ter uma ideia da diferença legal, a pílula anticoncepcional foi comercializada, sem entraves, desde o início da década de 60.

A questão do aborto só começou a ser discutida na República da Irlanda em meados da década de 80 e o assunto sempre foi duramente rejeitado por setores mais conservadores da sociedade. A situação se tornou complexa no caso da Irlanda pois o país tinha o papel da mulher como estritamente materno e relegado ao espaço do lar, assegurado na própria constituição.

A oitava emenda inserida na Constituição em 1983 tornou a lei ainda mais severa no que diz respeito ao direito ao aborto. A emenda diz que "O Estado reconhece o direito à vida do nascituro igual à vida da mãe, e garante, através da lei, o respeito e, se preciso for, a reivindicação desse direito". Com a Oitava Emenda, o que se está em jogo não é simplesmente o direito ao aborto: a vida da mulher é depreciada quando o direito à vida ao nascituro é garantido porque o aborto não poderia ser feito mesmo quando a vida da mulher está em risco.

Tanto o artigo constitucional que assegura o papel da mulher à esfera privada da sociedade e como unicamente mãe, como a Oitava Emenda da Constituição de 1983, há pouco citada, ainda estão presentes nas leis atuais do país. Tais políticas explicitam o caráter retrógrado da legislação irlandesa e a desconsideração da posição da mulher de forma igualitária.

O debate a fim da conquista de direitos segue até os dias atuais. Entretanto, foi ao longo dos anos 80 que tal debate primeiramente aflorou. Naquele período a Igreja Católica era extremamente influente e o Movimento Feminista teve de lutar em diversas frentes.

A autora aqui estudada, Anne Enright, publicou em 2005 sua autobiografia, *Making Babies*, na qual ela expõe momentos pessoais de maternidade (desconstruindo essa fase como um momento puramente sublime e feliz na vida da mulher) e narra sua adolescência nos anos 80 nessa sociedade na qual a voz das mulheres era cerceada. Sobre a influência da Igreja Católica, a narradora diz:

Ao crescer na Irlanda nós não precisávamos de estrangeiros - já tínhamos uma raça de seres superiores para olhar profundamente em nossos olhos e nos obrigar a ter bebês contra a nossa vontade: nós os chamávamos de sacerdotes. É ótimo ser católico (...) Não que eu seja presunçosa sobre ser irlandesa, católica e obrigada a dar à luz em um campo - pessoalmente eu preferiria ver um disco voador do que uma visão da Virgem Maria, eu acho que seria menos assustador. (ENRIGHT, 2005, p. 5, tradução nossa)

No excerto seguinte, a narradora expõe o momento social, histórico e cultural no qual a Irlanda estava passando e ressalta que a questão não era puramente acerca ao direito ao aborto; o debate extrapolava essa questão e atingia justamente o papel que a mulher deveria exercer na sociedade irlandesa. O movimento feminista questionava o porquê de uma mulher, para ser considerada como tal, deveria ser mãe. E também o porquê de uma mulher, às vésperas do século XXI e diante das inúmeras transformações que ocorriam nas sociedades ocidentais, ainda deveria ser casta e se restringir ao âmbito privado da sociedade. Essas contestações se realizaram, muitas vezes, através do texto literário.

A Irlanda quebrou na década de oitenta, e eu às vezes penso que essa cisão aconteceu em minha própria cabeça. A batalha constitucional sobre o aborto foi uma guerra moral que foi travada nas casas das pessoas - incluindo a minha própria - com amargura insondável. O país estava gritando contra si mesmo sobre contracepção, aborto e divórcio. Foi uma época terrivelmente misógina (...) Muitas das pessoas que eu conhecia na faculdade deixaram o país na década de oitenta. Os jornais disseram

que as pessoas emigraram por melhores empregos, mas a maioria dos que eu conhecia saíram porque não conseguiam respirar mais. Eles foram embora porque o lugar não fazia sentido nenhum. Eles fugiram. Como eu, por fim, fugi. (ENRIGHT, 2005, p. 187, tradução nossa)

É narrado então que a fuga foi, na verdade, uma tentativa de suicídio que ocorreu na Páscoa de 1986. Ela sobreviveu e conta que “Depois de um intervalo decente, eu saí do meu emprego, me casei e escrevi alguns livros” (ENRIGHT, 2005, p. 194, tradução nossa).

É interessante notar que a autora Anne Enright narra em sua autobiografia sua tentativa de suicídio que ocorreu justamente na comemoração dos 70 anos do Levante de Páscoa acontecido em 1916. O fato histórico que culminou com o início da luta pela independência da Irlanda e que, em sua proclamação, possuía um caráter progressista ao colocar homens e mulheres no mesmo patamar de direitos, teve sua direção alterada ao longo da história do século XX e relegou às mulheres um papel de subjugação que resultou, setenta anos depois, à tentativa de suicídio de uma autora que buscava ter voz e espaço.

O presente trabalho almeja então propor uma análise da antologia de contos *The Portable Virgin* (1991) que foi o primeiro livro publicado de Anne Enright. Pretende-se demonstrar a importância do momento histórico para a obra literária e vice-versa. Em seus contos, Enright questiona o papel da mulher da sociedade irlandesa do fim do século XX e reivindica direitos sociais e civis. Dessa forma, pretende-se mostrar que a literatura exerce papel fundamental em tal sociedade não só por representar questionamentos históricos, mas também por se apresentar como agente daquele movimento, se configurando como ato político.

O conto que dá título à coleção, “The Portable Virgin” narra em primeira pessoa a história de uma mulher, Maria, de meia idade, que descobriu que seu marido está tendo um relacionamento extraconjugal. Ela inicia com: “Essa é uma história de traição comum (...) não há santas, não há prostitutas, não há marcas na pele” (ENRIGHT 1991, 81, tradução nossa). Desde o início a narradora estabelece que a história é sobre mulheres comuns: não há uma idealização católica de uma mulher pura e virginal, como também não há a presença de uma suposta amante profana que interfere em uma família feliz. A narradora segue com a descrição a respeito da amante:

Inteligente? Não. Engraçada? Não. Rica, com uma risada alta e saltos pontiagudos? Não. Feliz? Definitivamente não. Exceto quando ele está lá. Ben (o marido) me

deixa muito triste e sem palavras. Eu termino a carreira no tricô, arrumo minhas agulhas e vou para a cama. (ENRIGHT 1991, p.82, tradução nossa).

A propriedade do conto se dá justamente ao dar voz a essa mulher que vive em um ambiente privado (ela está em casa, sozinha, fazendo tricô e esperando pelo marido Ben) e que não tem acesso às esferas públicas da sociedade senão através de Ben. Ainda, a esposa não demoniza a amante. Pelo contrário, ela a descreve como uma mulher comum que também só é feliz quando está ao lado de Ben.

A escolha do nome também não é aleatória. A personagem principal se chama Maria em uma alusão à Virgem Maria, figura maternal, pura e casta. A amante, segundo a narradora, também se chama Maria, perfazendo, então, mais uma das inúmeras estratégias utilizadas no conto como forma de colocar as duas, esposa e amante, como iguais, e não rivais. Além disso, Maria também é um nome comum, o que pode indicar que a história que se passa com essas Marias poderia ter se passado com quaisquer outras mulheres.

Diante da descoberta do *affair* do marido, Maria decide se vingar: ela decide que irá a um salão de cabeleireiro na Grafton Street (local onde estão localizadas lojas, restaurantes e serviços de alta classe de Dublin, Irlanda) e irá tingir o cabelo de loiro. A narradora afirma que irá fazer isso com o dinheiro de Ben, o que denota também a dependência financeira da mulher, que é dona de casa, em relação ao marido que trabalha.

Já no salão, Maria insiste em seguir com a vingança mesmo após o cabeleireiro aconselhar que o loiro não lhe cairia bem. A narradora se sente ainda mais subversiva, pois sua intenção é realmente causar desconforto não só para o marido como também à sociedade. O tingimento do cabelo revela a revolta da esposa silenciada que aceita o relacionamento por dependência não só financeira como também sentimental e psicológica. Ao seguir com seu plano de transgressão, Maria começa a imaginar que talvez a amante do marido esteja ali, naquele mesmo salão. A outra Maria poderia ser uma daquelas mulheres que estão sentadas ao seu lado. Ela decide então tomar uma segunda atitude, dessa vez contra a amante:

Maria estava sentada à minha esquerda e à minha direita (...) Havia uma bolsa a seus pés cujo interior está sujo do blush que veio solto na caixinha. Dentro da bolsa há contas, canetas, doces, agendas com telefones de pessoas que ela não conhece mais. Eu sei de tudo isso porque eu roubei a bolsa quando saí do cabeleireiro". (ENRIGHT, 1991, p. 86, tradução nossa)

Ao sair do salão de beleza com seu cabelo agora loiro, Maria rouba a bolsa de uma daquelas mulheres que, segundo ela, poderia ser a amante de Ben. Ela segue até seu carro e dirige até próximo a um rio onde ela averigua tudo o que tem dentro dessa bolsa. A personagem encontra-se perdida em busca de algo que dê sentido não só a sua vingança como também a sua existência. No trecho a seguir, ela conta o que encontrou dentro de tal bolsa:

Minha vingança me olha através do espelho. A minha nova falsa identidade parece mais real do que a antiga (...). No fundo da bolsa (...) eu encontro uma pequena Virgem portátil. Ela é feita de plástico transparente, com exceção de seu manto, que é de cor azul (...) Sua pequena coroa azul é uma tampa de rosca, e seu corpo é preenchido com água benta, que eu bebo” (ENRIGHT, 1991, p.87, tradução nossa).

Maria, então, realiza uma série de atos transgressores: ela tingiu seu cabelo de loiro, roubou a bolsa de uma mulher em um salão de cabeleireiros, e agora, ao encontrar dentro dessa bolsa um recipiente de água benta em formato da Virgem Maria, ela bebe essa água. Se no primeiro ato ela buscava se tornar de alguma forma mais sensual aos olhos da sociedade, por fim, ao beber essa água benta, ela se iguala às outras tantas Marias, inclusive a Virgem, ao demonstrar sua faceta pura e casta.

Por fim, Maria coloca a Virgem portátil na água para que a correnteza do rio a leve. A narradora conclui com:

Na margem do rio eu a coloco na água em direção a Ben, que é sentimental. Então eu o sigo em sua história, com suas santas e prostitutas, estações ferroviárias e marcas na pele. Eu não tenho outro lugar para ir. Eu amo esse homem. (ENRIGHT, 1991, p. 88, tradução nossa)

A escolha da utilização desses dois objetos em seus atos transgressores também é significativa para o entendimento desse conto como um ato político em prol do Feminismo: a primeira é a bolsa que, em inglês, recorrentemente é associada à figura de uma mulher mais velha. A expressão “old bag” se refere à mulher de forma pejorativa – em seu sentido mais amplo, trata-se de uma mulher que não é mais fértil e não possui vida sexualmente ativa. Dessa forma, “the old bag” já não é mais útil para uma sociedade altamente machista e patriarcal. No conto, a narradora rouba essa bolsa e vai vasculhar o que tem dentro a fim de entender quem é essa amante do marido, o que ela

pensa, quais são os seus pertences, o que ela sente. Afinal, o que há por dentro dessa “bag”?

Maria então encontra uma Virgem Maria portátil, essa figura católica que ao longo do século XX tem sido aclamada como a mulher irlandesa ideal: aquela que cuida de seu filho e se mantém pura ao longo da vida, aquela que não peca e que aceita bondosamente o destino e a tarefa que lhe foi atribuída. Maria, então, bebe essa água benta contida nessa Virgem como sinal de identificação com aquela outra mulher (supostamente a amante de Bem): elas não são santas, elas não são prostitutas, elas não são virgens e não são profanas. São apenas mulheres, comuns e diferentes em suas formas de ser. Ambas ainda presas dentro de uma estrutura patriarcal que não concede a mulher igualdade de direitos.

The Portable Virgin foi publicado em 1991 por Anne Enright na Irlanda em meio a fortes movimentos feministas que ocorriam no país há já algumas décadas. A Segunda Onda Feminista ocorria, porém, em outras tantas sociedades e, na mesma época, a filósofa americana Judith Butler publicou a obra *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade* (1990). Nela, Butler afirma a necessidade de questionar as categorias estanques de gênero. Ela diz que esse questionamento deve se dar:

como um esforço de refletir a possibilidade de subverter e deslocar as noções naturalizadas e reificadas do gênero que dão suporte à hegemonia masculina e ao poder heterossexista, para criar problemas de gênero não por meio de estratégias que representem um além utópico, mas da mobilização, confusão subversiva e da proliferação precisamente daquelas categorias constitutivas que buscam manter o gênero em seu lugar, a posar como ilusões fundadoras da identidade. (BUTLER, 2003, p. 60)

Se na República da Irlanda o gênero feminino era delimitado não só socialmente como também juridicamente de forma que para ser mulher se fazia necessário seguir preceitos instituídos pela religião católica e pelo Estado, Butler propõe que tais premissas sejam problematizadas e desmistificadas como verdadeiras. E é justamente o que Anne Enright faz através de seu texto literário: ela questiona as identidades supostamente coerentes creditadas à mulher ideal irlandesa através de pequenos atos transgressores.

O conto de Anne Enright expõe, de uma forma crítica e, por vezes, ácida, grandes questões propostas pelas feministas a partir dos anos 60: o direito da mulher a

ter vida própria e ser senhora de seu destino. O debate acerca desses direitos estava ocorrendo em diversas esferas da sociedade irlandesa: ora através do viés de Saúde Pública em busca da liberação de métodos contraceptivo, ora através do direito à vida questionando a Oitava Emenda da Constituição, ora através de direitos civis quando reivindicavam uma legislação favorável ao aborto, e, finalmente, ora através de expressões culturais e artísticas vistas aqui através da literatura de Anne Enright.

O Levante de Páscoa realizado em 1916 celebra esse ano seu centenário. Seus ideais proclamados por poetas eram progressistas e visavam igualdade entre cidadãos e cidadãs irlandeses do período. Ao longo da história e do século XX alguns daqueles ideais foram alcançados, mas a sociedade justa e igualitária ainda enfrenta percalços na contemporaneidade. A literatura, por sua vez, esteve presente nos momentos históricos mais marcantes da sociedade irlandesa, seja no Levante ou nos movimentos feministas que ocorreram na segunda metade do século. Esse trabalho buscou demonstrar que as representações artísticas através do texto literário são influentes na sociedade a ponto de se configurarem como ato político e por se constituírem como um dos agentes de mudança de tal sociedade.

Referências:

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CROW, Cláudio Q. “O Nascimento da Irlanda Moderna”. Em: *1916: O Levante de Páscoa*. Disponível em: <http://www.claudiocrow.com.br/irlanda11Easter.htm>. Acesso em: 10 de junho de 2016.

O'CONNOR, Sarah. *No Man's Land: Irish Women and the Cultural Present*. Bern: Peter Lang, 2011.

ENRIGHT, Anne. *The Portable Virgin*. London: Secker & Warburg, 1991.

_____. *Making Babies: Stumbling into Motherhood*. London: Vintage, 2005.

The Convention on the Constitution. Disponível em: <https://www.constitution.ie/>.
Acesso em: 10 de junho de 2016.